

## Hino da Faculdade de Medicina da Bahia

Antonio Natalino Manta Dantas

*Professor Associado I do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Coordenador do Colegiado do Curso de Graduação em Medicina. Membro do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins. Membro da Comissão do Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia*

As entidades de elevado significado social costumam ter um Hino a ser tocado, cantado ou orado, louvando seus atributos, nos seus momentos festivos ou de exaltação cívica. No entanto, a Comissão encarregada da organização dos festejos do Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia observou que ela ainda não tinha um Hino.

Um hino encerra três aspectos, dois formais que o veiculam, a poesia e a melodia e um essencial que é a sua própria razão de ser, o enredo. Portanto, a dificuldade na elaboração do Hino da Faculdade de Medicina da Bahia foi sempre à identificação de alguém que dominasse esses três aspectos.

Ao longo do tempo, sempre se procurou distinguir algum artista consumado, senhor do domínio da arte poética e musical, para a sua elaboração. Estes extraordinários demiurgos esbarraram sempre num obstáculo, praticamente, intransponível, o enredo.

O enredo tem que ser sentido por alguém que viva a Faculdade, que conheça o seu significado, a sua História e tenha a sensibilidade de sentir a tristeza de seus reveses e a alegria de suas vitórias. Este alguém poderia ser naturalmente encontrado no seu corpo discente, docente ou no pessoal de sua administração desde que se tenha impregnado de sua identidade.

Os antigos alunos da Faculdade ou seus docentes teriam mais facilidade no desenvolvimento de tão específico enredo, mas, por um perfil personalístico,

não são necessariamente poetas ou compositores musicais.

A Medicina tem seus eleitos e seus imperativos institucionais. A atividade médica em sua axiologia final é altruística porque visa à restituição, promoção da saúde e prevenção das doenças. Mas o faz embasada em conhecimentos científicos. A Ciência, por seu turno, é conhecimento humano obtido pela experiência, como tal sempre reproduzível, porém regido por leis matematicamente demonstráveis. Até um simples diagnóstico médico é sempre um cálculo probabilístico, onde subjacente ao raciocínio explícito há uma velada análise estatística de probabilidades.

Assim, embora a atividade médica, em sua finalidade última, lembra a do sacerdote, já no seu modo operacional se identifica mais com a do cientista com sua inseparável matemática. A estética da Ciência se desenvolve pela procura, encontro e demonstração da Verdade, em torno da qual orbita. Portanto, seus caminhos, institucionalmente, não passam pela composição poética ou musical.

Diante do problema, senti-me convocado e compelido para a busca da solução. Pelo menos, quanto à elaboração de um enredo que servisse de material a ser trabalhado por algum artista que se dispusesse a dar-lhe o veículo da poesia e melodia.

Quatro motivos ou condições principais me levaram a tanto:

- 1º) Ser membro da Comissão encarregada dos festejos do bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia, onde o problema foi detectado;
- 2º) Ser conhecedor da História da Faculdade de Medicina da Bahia, ocupando a Cadeira nº 14 do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins que tem como patrono um tio-

Recebido em 09/04/2007

Aceito em 11/06/2007

Endereço para correspondência: Pavilhão de Aulas da Faculdade de Medicina da Bahia - Comissão do Bicentenário), Avenida Reitor Miguel Calmon s/nº, *campus* UFBA-Canela 40110-100 Salvador, Bahia, Brasil. Telefax: (71) 3245-8562/8551/0739 Ramal: 227/228. E-mail: natalino.dantas@terra.com.br.

**Gazeta Médica da Bahia**

2007;77: 1(Jan-Jul):66-71.

© 2007 Gazeta Médica da Bahia. Todos os direitos reservados.

- bisavô, Prof. Domingos Rodrigues Seixas, Professor de Higiene e de História da Medicina;
- 3º) Ser antigo aluno desta Faculdade, tendo cursado os últimos anos da década de 50 e começo da década de 60 do século passado (1957-1962), época que antecedeu de perto uma profunda Reforma Universitária e um conturbado período de transformações político-sociais do país;
- 4º) Ser o Professor Decano, com 41 anos de Magistério na Faculdade de Medicina da Bahia, sendo, atualmente, Professor Associado I (Departamento de Cirurgia).

E, assim, voluntaria e espontaneamente, dirigi a atenção de minha mente, em reverberantes reflexões, no sentido da minha Faculdade de Medicina da Bahia.

Preliminarmente, observei que além de seu significado social e altruístico, ela equivale, alegoricamente, a uma pequena-grande pátria e desperta, naqueles que a veneram, um dos sentimentos mais antigos da espécie humana que já tem o seu centro neurológico, mais remoto, incorporado ao paleoencéfalo. É o sentimento da territorialidade, ou Complexo R, e, neste caso específico, tanto é físico quanto intelectual.

Em toda pátria se distingue uma nação e um país. A nação, aqui, representada pelos três segmentos populacionais que lhe estão ligados por laços de vivências atuais ou pretéritas: discentes, docentes e do pessoal administrativo.

O país figurado pelo espaço físico onde ela desenvolve suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. No particular, tem sua expressão maior, no Palácio da Medicina do Terreiro de Jesus, onde ela nasceu num pequeno núcleo que foi o Real Hospital Militar (antigo Convento dos Jesuítas) e, daí muito cresceu pela incorporação de casas residenciais da circunvizinhança.

A Faculdade de Medicina da Bahia já dispõe de uma bandeira e um brasão heráldico. A bandeira serviu na Guerra de Canudos (1897), quando alunos e professores, com risco de morte, prestaram atendimento aos feridos nos combates. O brasão heráldico foi elaborado pelo beneditino Frei Paulo, em

1957, e encerra o lema da Faculdade de Medicina da Bahia: *Sanare atque Servare*.

Portanto, só faltava, mesmo, o Hino.

Com tais razões, estabeleci um planejamento de enredo dividindo-o, cartesianamente, em três partes: a primeira parte ou saudação à Faculdade, a segunda parte ou contemplação à sua nação, ou seja, ao seu pessoal (discentes, docentes e do pessoal da administração) e a terceira parte ou contemplação ao seu país, representado pelo seu espaço físico.

### **1ª Parte – Saudação à Faculdade de Medicina da Bahia**

Nesta saudação, deveria ser lembrado o sentimento que ela desperta quanto ao seu significado. Entretanto, podendo esse significado ser genérico e comum a outras Faculdades de Medicina, dever-se-ia personalizar a saudação trazendo aspectos específicos que a particularizem e que a tornem única.

Neste aspecto, a Faculdade de Medicina da Bahia é pródiga em atributos que lhe conferem uma personalidade especial: é a mais antiga unidade de Ensino Superior da Bahia e do Brasil; sempre procurou manter um curso de graduação cuidadosamente elaborado e de alto nível; dispõe de um brasão heráldico que encerra a máxima latina, *Sanare atque Servare* (Curar e até Prevenir), resumo do seu Programa de Ensino; ao longo do tempo tem sido o núcleo centralizador de mobilizações cívicas de estudantes e docentes em momentos de sofrimento nacional, expressando um acendrado amor pela Democracia; assim o foi na Guerra de Canudos, na Guerra do Paraguai, no apoio à Revolução Constitucionalista de São Paulo, na execração ao nazismo na Segunda Guerra Mundial e na condenação às perdas democráticas que se seguiram ao Golpe Militar de 1964.

Tem um forte sentimento associativo, um extraordinário desprendimento de haveres e capacidade de doação que lhe conferiram a condição de ter sido o ponto de partida para a criação da Universidade Federal da Bahia.

Os Cursos de Odontologia e Farmácia surgiram e foram desenvolvidos com o apoio e estima da Faculdade de Medicina da Bahia, que os abrigou durante décadas em seu prédio-sede, o Palácio do Terreiro de Jesus.

O Prof. Edgard Santos, quando Diretor da Faculdade de Medicina e o foi por dez anos, coordenou os trabalhos de criação da Universidade Federal da Bahia, donde veio a ser o seu primeiro Reitor por outros tantos quinze anos. No início, a Reitoria funcionava na ampla sala da Diretoria do Palácio da Faculdade de Medicina da Bahia.

O campus universitário do Canela, onde hoje se localizam o Palácio da Reitoria, o Hospital Universitário Prof. Edgard Santos e várias unidades universitárias, foi doado gratuitamente pela Faculdade de Medicina da Bahia à Universidade que, então se criava. Correspondia à chácara do Bom Gosto do Canela, comprada pela Faculdade de Medicina da Bahia, durante a gestão do Diretor Prof. Augusto Viana que antecedeu o Prof. Edgard Santos, do seu antigo proprietário, o Gen. Aguiar. A Faculdade de Medicina da Bahia nada cobrou em troca quer em vantagens ou serviços. Também nada recebeu, nem gratidão ou sequer a lembrança por este ato de desprendimento.

### **2ª Parte – Contemplação à Nação Faculdade de Medicina da Bahia (alunado, corpo administrativo e docente)**

Nesta parte seriam, sumariamente, descritas as atividades de aprendizado dos alunos e alunas. Aqui caberia uma alusão às qualidades do pessoal da administração caracterizadas pelo acendrado senso de responsabilidade e compromisso com a Faculdade. Por fim uma referência ao corpo docente, devotado não só às atividades de ensino, mas também à extensão, por ser amplamente desenvolvida, e à pesquisa científica, com a manutenção de cursos de pós-graduação *stricto sensu* que tanto têm projetado nossa Escola no Brasil e no Exterior.

### **3ª Parte – Contemplação ao país, Faculdade de Medicina da Bahia**

Nesta parte, é suficiente considerar o Palácio do Terreiro de Jesus. Esquecer o que foi doado de boa vontade, o campus do Canela e, até, o seu Hospital-Escola, Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, construído com muita luta e sacrifício, por gerações de Professores, Alunos e Funcionários.

O Palácio do Terreiro de Jesus representa a própria história da Faculdade de Medicina da Bahia. Ali ela nasceu pela Carta-Régia de 18 de fevereiro de 1808, assinada por Dom Fernando José de Portugal, Governador da Capitania da Bahia, a mando do Príncipe Regente Dom João, futuro Dom João VI.

No começo, todas suas atividades se concentravam nos limites de suas paredes, ensino, pesquisa, extensão e até assistência, visto que o Hospital-Escola, inicialmente o Real Hospital Militar e depois a Santa Casa de Misericórdia, funcionaram em suas dependências.

Hoje, ali se situa sua administração, cursos de graduação e pós-graduação, atividades assistenciais, egrégios órgãos da Medicina como a Academia de Medicina da Bahia e o Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, o Memorial da Medicina com um extraordinário acervo de documentos que contam a história da própria Faculdade, da Bahia e do Brasil dos séculos XIX e XX. Ainda abriga provisoriamente dois museus. Grande parte de suas dependências se encontra em fase de restauração, Salão Nobre, Sala da Congregação com sua pinacoteca, Sala dos Lentes e a Biblioteca. A monumentalidade de seus espaços interiores somadas a sua história causa um impacto a quem os visita. Esta sensação foi muito bem advertida pelo atual presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, Dr. Antonio Carlos Nogueira Britto, em discurso proferido na solenidade de re-inauguração do Anfiteatro Prof. Alfredo Thomé de Britto:

*“Atentai, ó vos que estais a pisar este chão. Este chão é sagrado. Este chão, este solo, esta terra são ungidos, são consagrados, são abençoados pelos deuses da Medicina. Este chão é o chão do santuário da Medicina primaz do Brasil”.*

Esta admirável advertência deveria constar no Hino.

As manifestações cívicas e protestos políticos dos estudantes de Medicina e de docentes costumavam agregar também alunos e professores de outras escolas; esses tinham sede no Anfiteatro Prof. Alfredo Thomé de Britto e causavam grande repercussão no meio social. Nem sempre os governos encaravam com simpatia estas manifestações de cidadania. Em 22 de agosto de 1932, em plena ditadura do Presidente Vargas, forças armadas cercaram o Palácio da Faculdade de Medicina, prenderam os professores e alunos que lá se encontravam prestando um apoio cívico à Revolução Constitucionalista de São Paulo. Todos foram encarcerados em Penitenciária. Este dia deveria ser comemorado como o “Dia da Resistência Cívica da Faculdade de Medicina da Bahia”.

Também nos meses que se seguiram ao Golpe Militar de março de 1964, havia continuadas manifestações estudantis em protesto às limitações democráticas. Isto resultou na expulsão da administração da Faculdade de Medicina da Bahia e aulas que ainda se realizavam em sua tradicional sede. O Palácio esteve fechado e abandonado por algum tempo. Depois ocupado, parcialmente, por alguns cursos da Universidade Federal da Bahia e, até, por grupos estranhos à Universidade. Estes inquilinos não souberam ou não puderam conservar suas instalações que entraram em franca deterioração.

Passado o período dos Governos ditatoriais militares, a egrégia Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia solicitou ao Conselho Universitário a restituição do seu Palácio. Na sessão de sete de março de 1994, o Respeitável Conselho Universitário aprovou, pela unanimidade de seus membros, o parecer do Relator, Prof. Antonio Carlos de Oliveira,

*“que todo o conjunto arquitetônico localizado no Terreiro de Jesus esteja sob o comando exclusivo da direção da Faculdade de Medicina, sendo de sua competência o encaminhamento de todas as providências necessárias à ocupação de todos os espaços para que ali volte a ser o templo da Medicina da Bahia, onde se formaram gerações de*

*médicos, homens de ciência que engrandeceram o nome da Bahia e souberam afirmar-se perante a Pátria”.*

E, assim, a Faculdade de Medicina da Bahia teve sua sede restituída, porém, bastante deteriorada fisicamente. Ingentes esforços têm sido empreendidos em sua recuperação, já se tendo conseguido sucesso em boa parte.

Pela magnitude dos desdobramentos destas manifestações de civismo que tem causado severas penalidades à Faculdade de Medicina da Bahia, julgo que caberia no Hino uma referência que os lembre.

Terminada esta fase analítica de identificação de dados que deveriam constar do enredo do Hino, tomei a ousadia de sintetizá-los em versos.

Ousadia porque não sou poeta. Sou Cirurgião e professor de Cirurgia. Passei boa parte de minha vida em salas de Cirurgia, salas de Aula e em ambientes de Terapia Intensiva. Costumo trabalhar com as mãos. Minha pretensão era sugerir versos que viessem a ser trabalhados por um poeta. Quis facilitar o seu trabalho. Escolhi versos decassilábicos porque não seriam muito curtos, lembrando uma marcha militar, nem tão longos causando languidez ou tédio.

Decidi reuni-los em estrofes de quatro versos com rimas alternadas nas sílabas terminais.

As três partes do Hino foram entremeadas por um estribilho. As duas primeiras partes com quatro estrofes. A última parte teve cinco estrofes porque a ela não se seguiu o estribilho, porém, em compensação, é encerrado com um verso de efeito.

O estribilho contém quatro versos e se reporta à formação pós-graduada da maioria dos professores e professoras, a cuidadosa seleção dos alunos para o ingresso na Faculdade e a condição da Faculdade de Medicina da Bahia ser amais antiga do Brasil.

Pareceu-me que, assim, conseguiria com mais propriedade atingir o entendimento de ouvintes.

Tive algumas dificuldades. Nem sempre consegui os desejados decassílabos. Pelo menos quanto a um dos versos que se repetiu algumas vezes e que não podia ser omitido pela força que encerra:

“*Faculdade de Medicina da Bahia*”.

Sendo esse um legítimo alexandrino. Também não me preocupei com a acentuação silábica. Seria demasiado pretender o ideal parnasiano.

Mas, até Olavo Bilac, o maior ourives da formalística poética em língua portuguesa, na letra do Hino à Bandeira, um dos mais belos hinos brasileiros, nem sempre obedeceu à rigidez numérica nas sílabas de seus versos.

Também senti as dificuldades do labor poético expressas na confiança de Bilac no seu soneto “*Inania Verba*”:

*“O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava;  
A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve ...  
E a Palavra pesada abafa a Idéia leve,  
Que, perfume e clarão, refulgia e voava.*

*Quem o molde achará para a expressão de tudo?  
Ai! Quem há de dizer as ânsias infinitas  
Do sonho? E o céu que foge à mão que se levanta?”.*

Entretanto, ao compor o Hino da Faculdade, obedecendo ao roteiro pré-estabelecido do enredo, por vezes, versos inteiros me vinham à consciência, já prontos e acabados. Não raro com palavras que fogem a minha linguagem habitual e que me obrigaram a conferir o significado no dicionário.

Ficou em mim uma dúvida. Seriam elaborações sutis oriundas do acervo da minha memória subconsciente ou inspirações ditadas por aqueles deuses da Medicina referidos por Nogueira Britto e que preferi chamá-los, em versos, de entes divinais?

Agradeço as sugestões que me fizeram a Prof<sup>a</sup> Eliane Azevêdo, Prof. J. Tavares-Neto, Prof. Orlando Sales e Prof. Irismar Reis de Oliveira que me permitiram aperfeiçoar a apresentação inicial do Hino. Agradeço, sobremaneira, a surpreendente aprovação unânime da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, na sessão ordinária de 3 de abril de 2007.

Quanto à melodia, passei a incumbência ao Prof. Otoni Raimundo Costa Filho, antigo aluno desta

Faculdade, graduado em 1975, médico-neurologista e que, por razões especiais, é dotado de consagrados e raros dotes musicais.

### **Eis a letra do Hino da Faculdade de Medicina da Bahia:**

Letra de: Antonio Natalino Manta Dantas

Música de: Otoni Raimundo Costa Filho

#### I

Nós te saudamos veneranda escola  
Faculdade de Medicina da Bahia  
A lembrança que de ti se evolva  
É de altruísmo e ciência com harmonia.

Curar e até Prevenir é o lema  
Do nobre e tradicional destino,  
Inscrito em teu augusto emblema,  
Símbolo do programa de ensino.

Que pela sua própria natureza  
Feito para o bem da humanidade  
Reveste-se de toda grandeza  
Até mesmo na adversidade.

Foste o início da Universidade,  
A grandiosa Federal da Bahia,  
Onde ti integras com dignidade,  
Erudição e serena altanaria.

#### **Estrilho**

Mestres e mestras! Doutra confraria!  
Seleta mocidade estudantil!  
Faculdade de Medicina da Bahia!  
Escola *mater*! Primaz do Brasil!

#### II

Teu alunado perlonga, dia-a-dia,  
Cumprindo cada uma atividade,  
Sala de aula, ambulatório, enfermaria,  
Centro cirúrgico e maternidade.

O teu pessoal administrativo  
Nos diversos serviços de gestão,

Prestimoso e participativo,  
Confere segurança a cada ação.

Mas, é no desvelo de docentes  
No distinguido mister de ensinar  
Que valores se tornam presentes  
Da sempiterna beleza sem par.

São pesquisas ... Buscas da verdade,  
Experimental, clínica e social,  
Eflúvios de tua identidade,  
Que se acrescem à Ciência universal.

### **Estribilho**

Mestres e mestras! Doutra confraria!  
Seleta mocidade estudantil!  
Faculdade de Medicina da Bahia!  
Escola *mater*! Primaz do Brasil!

### **III**

A coordenação do que se ensina  
E a todos os trabalhos conduz,

Vem do sacro altar da Medicina,  
O Palácio do Terreiro de Jesus.

Ó vós visitante que aqui chegais  
Atentai! Este lugar é sagrado!  
Perene unção de entes divinais  
Tornam o ambiente sempre abençoado.

Este chão, este solo que pisais  
Cobiçado por instâncias mil,  
É a herança de nossos ancestrais,  
Berço da Medicina do Brasil.

Mas, quando as sombrias nuvens da opressão  
Ameaçam à nação brasileira  
A resistência cívica em ação,  
Aqui, pronta, levanta-se ligeira.

Não nos abate sequer a prisão,  
Temos amor pela democracia.  
Esta, também, é nossa tradição.  
Faculdade de Medicina da Bahia.